

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO - BRASIL

SOBRE O GÊNERO *PHYLLOPEZUS* PETERS (SAURIA, GEKKONIDAE)

POR

P. E. VANZOLINI

O gênero *Phyllopezus* foi criado por Peters em 1877 para a espécie nova *Ph. goyazensis*. Mais tarde, em 1933, Müller e Brongersma descobriram que, se bem que o gênero *Phyllopezus* fosse válido, a espécie *Ph. goyazensis* não passava de um sinônimo de *Thecadactylus pollicaris* Spix, 1825. Esta forma, cujos tipos, procedentes do interior da Bahia, Müller e Brongersma examinaram, tinha sido colocada por Cuvier, na segunda edição do Reino Animal, na sinonímia de *Hemidactylus mabouia* e aí conservada pelos autores subsequentes; o próprio Peters, que examinara um dos tipos, acompanhava essa opinião.

Em 1895, Koslowsky descreveu outra espécie de *Phyllopezus*, *Ph. przewalskii*, do oeste de Mato Grosso. Essa espécie foi considerada por Boulenger, no Zoological Record de 1896, como sinônima de *Ph. goyazensis*, nome sob o qual foram alistados todos os exemplares de *Phyllopezus* colecionados desde então.

O material que tenho em mãos permite-me confirmar e ampliar a excelente descrição que Müller e Brongersma apresentaram dos tipos, bem como revalidar *przewalskii* como raça de *pollicaris*.

Phyllopezus Peters, 1877

Phyllopezus Peters, 1877a: 415. Tipo: *Phyllopezus goyazensis* Peters, 1877
(= *Thecadactylus pollicaris* Spix, 1825). Monobásico.

DIAGNOSE

Membros pentadáctilos. Todos os dígitos dotados de unhas. Falanges proximais dilatadas, ventralmente revestidas de lamelas íntegras. Falanges distais comprimidas, implantadas na face dorsal da dilatação proximal. Lepidose dorsal heterogênea, com tubérculos

irregularmente disseminados entre grânulos. Lepidose dorsal da cauda homogênea. Pupila vertical, lobada. Poros ausentes.

ELENCO

Phyllopezus p. pollicaris (Spix, 1825).

Phyllopezus pollicaris przewalskii Koslowsky, 1895

***Phyllopezus pollicaris pollicaris* (Spix, 1825**

Thecadactylus pollicaris Spix, 1825: 17. pl. 18: 2 (total). Localidade tipo: "Sylvius interioris Bahiae campestribus". Material tipo: 4 exemplares (Spix e Martius col.); 3, holótipo e 2 paratipos, na Zoologische Staatsammlung, München; 1 paratipo no Rijksmuseum van Natuurlijke Historie, Leiden (*vide* Müller & Brongersma, 1933).

G.lecko|mabuia, *partim*, Cuvier, 1829: 54, 55 (rodapé).

Platydictylus pollicaris, Schlegel, 1858: 15 (não visto; *apud* Müller & Brongersma, 1933).

Hemidactylus tuberculosus, *partim*, Peters, 1877: 411, 414. Menção de um dos tipos de Spix.

Phyllopezus goyazensis Peters, 1877a: 415. Localidade tipo: Estado de Goiaz. Material tipo: 1 exemplar (Behn col.) no Museu de Berlim.

Hemidactylus mabouia, *partim*, Boulenger, 1885: 122. Inclusão de *Th. poll.* na sinonímia de *H. mab.*

Phyllopezus goyazensis, Boulenger, 1885: 145. Repetição da diagnose original.

—, Hoffmann, 1890: 1202. Menção.

—, Goeldi, 1902: 512. Menção.

—, *partim*, Griffin, 1917: 307. 1 juv. de São João del Rey, Minas Gerais (Harsemann col.) Carnegie Museum.

Phyllopezus pollicaris, Müller & Brongersma, 1933: 1, seg. Revisão do material tipo (*vide supra*). Sinonímia (*partim*).

—, Burt & Burt, 1933: 9. Menção.

Platydictylus Spixii Schlegel, *in* Müller & Brongersma, 1933: fig. 1. Nome proposto em MS, publicado em fac-simile por Müller & Brongersma.

Phyllopezus pollicaris, Amaral, 1935: 243. Exemplares de Rio Pandeiro, Minas Gerais, e Cana Brava e Barra do Rio São Domingos, Goiaz (Blaser col.) Instituto Butantan (agora no Dept. de Zoologia)).

Phyllopezus p. pollicaris Amaral, 1937: 171. Menção.

—, Themido, 1945: 3. Menção de 1 exemplar do Brasil. Museu de Coimbra.

COMENTARIO

Peters, na sua revisão dos lagartos de Spix (1877), examinou um único espécime rotulado como *Thecadactylus pollicaris*, e identificou-o como um exemplar de cauda regenerada de *Hemidactylus tuberculosus* Radde (sic), que é, por sua vez, um sinônimo de *H. ma-*

bouia. Quanto ao tipo de *Ph. goyazensis*, diz Peters tê-lo recebido de K. Möbius, de Kiel; tratava-se de exemplar colecionado há anos por Behn em Goiaz e rotulado "*Hemidactylus goyazensis*, einer neuen Gruppe von *Hemidactylus* angehörig". Tanto a diagnose genérica quanto a descrição do exemplar apresentadas por Peters são excelentes.

Depois que Cuvier sinonimizou *Th. pollicaris* a *H. mabouia*, esse conceito generalizou-se entre os herpetologistas; as múltiplas referências são aqui omitidas, com exceção de 3: a de Cuvier, a de Peters (que examinara a coleção de Spix) e a de Boulenger, pela ampla divulgação de seu Catálogo.

Apenas dois autores tiveram em mãos exemplares de *Ph. p. pollicaris* que não os tipos: Griffin e Amaral. As demais referências baseadas em exemplares cabem a *przewalskii*.

Griffin alistou um exemplar jovem de São João del Rey, descrevendo com justeza o colorido; ao lado desse cita um exemplar de Puerto Suarez, que é *przewalskii*.

Amaral (1935), teve em mãos uma boa série de exemplares de Minas Gerais e Goiaz (série agora em minhas mãos). Mais tarde, o mesmo Amaral empregou em sua Lista Remissiva (1937) a nomenclatura trinomial tratando de *Phyllopezus*. Omitiu ele, porém duas coisas:

- a) deixou de incluir Goiaz na área ocupada por *pollicaris*;
- b) deixou de incluir *przewalskii*, forma matogrossense, e única escusa para a aplicação de nomenclatura trinomial a *Ph. pollicaris*.

No excelente trabalho de Müller e Brongersma (1933), a parte descritiva refere-se inteiramente a *pollicaris*, mas a lista sinonímica é híbrida, contendo muitas referências a *przewalskii*. No mesmo trabalho, a publicação fac-similar das considerações de Schlegel sobre o "*Platydictylus Spixii*" dá a este nome existência nomenclatural.

O exemplar de Themido, de procedência vaga, só poderá ser identificado com certeza após re-exame de seus caracteres.

DESCRIÇÃO

Corpo espesso, membros curtos e fortes. Cabeça achatada, olhos muito grandes. Cauda pouco mais longa que o corpo.

Rostral muito larga, medianamente incisa na margem superior. Narina entre a rostral, a 1.^a supra-labial, 2 post-nasais aumentadas e 1 supra-nasal grande, entumescida, em contacto com a sua simétrica. Grânulos do focinho grandes, lisos, maiores lateralmente, bem menores no topo da cabeça. 7 a 10 supra-labiais, não ocupando todo o lábio superior; entre elas e os grânulos do focinho uma série de escamas poligonais pequenas alcançando o meio da órbita. 6-9 in-

fralabiais, ultrapassando posteriormente a última supra-labial, mas também não ocupando todo o labio. Rima bucal com uma curva sigmoide achatada na sua porção posterior. Timpano grande, oblíquo para trás e para cima, com um esboço de franja marginal, cercado de tubérculos esparsos, redondos, lisos, pequenos, irregularmente dispostos. Sinfisal grande, pentagonal de base anterior, seguida de 2 post-sinfisais grandes, em contacto ou (raramente) pouco separadas na linha mediana. Atrás destas duas post-sinfisais, uma serie transversal de 3-6 escamas variáveis, das quais a mediana, muito maior que as companheiras, parcialmente se insinua entre as post-sinfisais anteriores. Grânulos de garganta pequenos, lisos, juxtapostos, sendo maiores aqueles que ficam em contacto com as infra-labiais.

Lepidose dorsal (da região parietal à raiz da cauda) de grânulos pequenos, menores que os do focinho e garganta, mais ou menos regulares, lisos, juxtapostos. Entre eles tubérculos esparsos, mais ou menos cônicos, lisos ou fracamente carenados, de tamanho variável e disposição irregular. Escamas ventrais sub-hexagonais ou cicloides, lisas, imbricadas; 28-33 escamas na linha medio-ventral. A transição entre os grânulos dorsais e as escamas ventrais é brusca. Dorso dos membros anteriores coberto de grânulos iguais aos do focinho; face ventral com grânulos menores. Face dorsal dos membros posteriores com grânulos iguais aos dorsais, que passam gradativamente na face anterior a escamas semelhantes às ventrais, que ocupam parte da face inferior da coxa, cuja parte posterior é ocupada por grânulos, sendo a transição abrupta. Falanges proximais dilatadas, sendo as do pollex e hallux (os dígitos menores) menos que as demais; as margens dessas dilatações basais são revestidas por uma serie de escamas sub-denticuladas. Lamelas ventrais das falanges basais inteiras, curvas (convexidade voltada para trás); em número de 9 a 13 no 4.º artelho. Falanges distais emergindo da face dorsal da última proximal, comprimidas, curvas, ungueadas.

Cauda íntegra dorsalmente revestida de escamas lisas, sub-quadrangulares, imbricadas, formando fileiras transversais mais ou menos regulares. Escamas ventrais da cauda maiores que as dorsais (3:1 em comprimento), quasi todas as da fileira mediana fortemente dilatadas transversalmente.

NOTA SOBRE ONTOGÊNESE

Os tubérculos ad-anais não aparecem em exemplares de 40 mm ou menos de comprimento corporal. Sua presença é constante nos indivíduos de 55 mm ou mais. Ela coincide sempre com a presença de colorido tipo adulto (v. infra).

COLORIDO

Os exemplares menores (até 40 mm de comprimento corporal) apresentam no dorso uma nítida série de barras transversais escuras sobre o fundo claro; essas barras se continuam na cauda. Na cabeça ha uma faixa lateral que parte do lóro, passa através do olho, por cima do tímpano e atinge a altura da axila, unindo a extremidade lateral das 3-4 barras dorsais anteriores. O dorso da cabeça e membros é indistintamente variegado. As partes ventrais são claras, imaculadas.

Com o crescimento, o colorido fundamental do dorso vai escurecendo, e as barras se tornando menos nítidas; na região vertebral vai-se tornando mais evidente uma faixa longitudinal clara.

Nos adultos grandes o dorso é plúmbeo, com vestígios de barras confluentes e uma distinta linha vertebral clara. A faixa lateral do focinho, bem como o colorido dos membros, cauda e partes ventrais, pouco ou nada mudam durante a vida do animal.

DISTRIBUIÇÃO

BRASIL

Bahia

"Interior" (localidade tipo)

Cachoeira de Paulo Afonso (DZ)

Minas Gerais

São João del Rey (Griffin, 1917)

Rio Pandeiro (Amaral, 1935 - DZ)

Goiáz

Sem mais (localidade tipo de *goyazensis*)

Cana Brava (próximo a Nova Roma) (Amaral, 1935 - DZ)

Barra do Rio São Domingos (afluente do Rio Paraná, que é afluente do Tocantins, na margem direita) (Amaral, 1935 - DZ).

***Phyllopezus pollicaris przewalskii* Koslowsky, 1895**

Phyllopezus goyazensis, (nec Peters, 1877), Peracca, 1895 : 2. Descrição de 7 exemplares do Rio Apa, Alto Paraguay (Borelli col.) Museu de Turim.

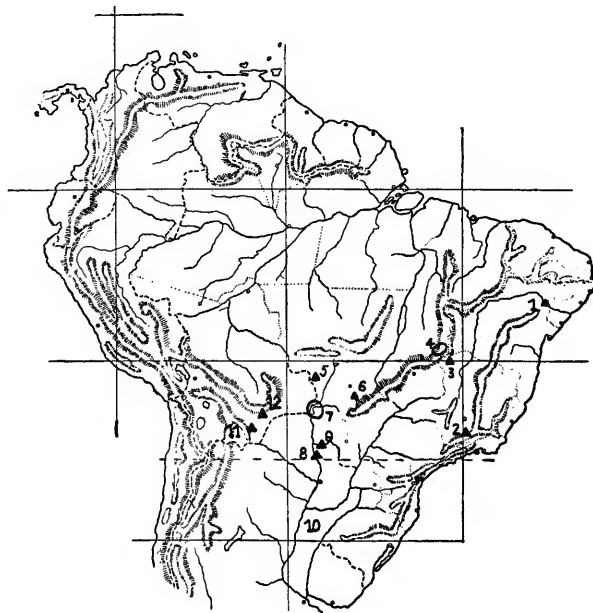
Boulenger, 1895 : 722. Recepção pelo British Museum de um dos exemplares de Borelli (v. *supra*).

Phyllopezus przewalskii Koslowsky, 1895 : 371. pl. (Total dorsal e ventral; pés).

Localidade tipo: Descalvado, próximo a S. Luiz de Cáceres, Mato Grosso. Material tipo: 1 exemplar, Museu de La Plata.

Phyllopezus goyazensis, (nec Peters, 1877), Boulenger, 1897 : 20. Reduz *przewalskii* à sinonímia de *goyazensis*.

- , Peracca, 1897: 3. Descrição do colorido de numerosos exemplares da Missão de San Francisco, Chaco boliviano (Borelli col.) Museu de Turim.
- Phyllopezus przewalskii*, Koslowsky, 1898: 166. Menção de 1 exemplar de Corrientes, Museu da Universidade de Buenos Aires.
- Phyllopezus goyazensis*, (nec Peters, 1877), Schenkel, 1902: 181. Menção de 1 exemplar do Paraguay (Ternetz col.) Museu de Basileia.
- , Peracca, 1904: 2. Menção de exemplares de Mato Grosso: Urucum; Carandásinho; Corumbá (Borelli col.) Museu de Turim.
- , Werner, 1910: 7. Menção de 1 ♀ de Puerto Max, Paraguay (Louis des Arts jr. col.) Museu de Hamburgo.
- Phyllopezus goyazensis*, partim, Griffin, 1917: 307. Menção de 1 exemplar de Puerto Suarez, Bolivia (Steinbach col.) Carnegie Museum.
- Phyllopezus goyazensis*, (nec Peters, 1877), Mertens, 1929: 59. Menção de 8 exemplares de Villa Montes, Alto Pilcomayo, Bolivia (Berg col.) Museu de Senckenberg.



Phyllopezus p. pollicaris

1 - Cachoeira de Paulo Afonso; 2 - São João del Rey; 3 - Rio Pandeiro; 4 - Cana Brava e Barra do Rio São Domingos.

Phyllopezus pollicaris przewalskii

5 - Descalvados; 6 - Rio Aricá; 7 - Corumbá, Urucum, Carandásinho, Guaicurus e Puerto Suarez; 8 - Puerto Max; 9 - Rio Apa; 10 - Corrientes; 11 - Villa Montes; 12 - San Francisco.

Phyllopezus pollicaris, *partim*, Müller & Brongersma, 1933: 160. Sinonímia composta (v. supra, *Ph. poll. pollicaris*).

—, Burt & Burt, 1933: 9. Menção.

Phyllopezus przewalskii, Liebermann, 1939: 64. Menção.

COMENTARIO

Koslowsky baseou sua especie na ausencia de tubérculos ad-anais, no que estava certo. O peso, porem, da autoridade de Boulenger que, ao noticiar a descrição de *przewalskii* no Zoological Record de 1896, já a sinonimizava a *pollicaris*, levou todos os autores, com exceção de Koslowsky e Liebermann, a desprezarem a especie do argentino. Contudo, como já tem sucedido com outras formas descritas por Koslowsky e apressadamente sinonimizadas, verifica-se que *przewalskii* é perfeitamente válida, e que o caracter sobre que foi baseada é bastante adequado, se bem que não seja o único a separar as duas formas.

DESCRIÇÃO

Semelhante a *p. pollicaris*, com as seguintes diferenças:

1. Ausencia constante de tubérculos ad-anais nos adultos.
2. Número menor de escamas ventrais (26-29), ou seja, ventrais maiores. (Vide comparação biométrica abaixo).
3. Número menor de lamelas ventrais no 4.º artelho (8-11).

DISTRIBUIÇÃO

BRASIL

Mato Grosso

- Descalvado (localidade tipo)
- Urucum (Peracca, 1904)
- Carandásinho (Peracca, 1904)
- Corumbá (Peracca, 1904; DZ)
- Rio Aricá (DZ)
- Guaicurus (DZ)

PARAGUAY

- Rio Apa (Peracca, 1895)
- Puerto Max, Rio Paraguay (Werner, 1910).
- Sem mais (Schenkel, 1902)

BOLIVIA

Santa Cruz

- San Francisco (Peracca, 1897)
- Puerto Suarez (Griffin, 1917)

Tarija

Villa Montes, Alto Pilcomayo (Mertens, 1929)

ARGENTINA

Corrientes

Sem mais (Koslowsky, 1897)

TABELA 1
Material examinado

N.º	Localidade	Sexo	Compr. (¹)	Ventrals	Lamelas	Tubérc. (²)
<i>Ph. pollicaris pollicaris</i>						
4071	Barra do Rio S. Domingos, Go.	♂	75+95	32	11	+
4072	Cana Brava, Go.	♂	40+40	33	13	— —
4073	Idem	♂	60+84	32	11	+
4074	Rio Pandeiro, MG.	♂	65+x	32	10	+
4075	Idem	♀	55+67	31	9	+
4076	Idem	♂	74+x	32	10	+
4077	Idem	♂	38+45	28	11	— —
4078	Idem	♀	35+43	29	11	— —
4079	Idem	♀	66+x	30	11	+
4080	Idem	♂	65+x	31	10	+
4081	Idem	♂	64+x	32	9	+
4082	Idem	♀	73+x	32	11	+
4083	Idem	♂	28+x	30	11	— —
3060	Cachoeira de Paulo Afonso Ba.	♂	28+x	29	10	— —
<i>Ph. pollicaris przewalskii</i>						
3128	Rio Aricá, Mt.	♂	60+77	26	9	— —
199	Guaicurus, Mt.	♀	61+x	28	10	— —
345	Corumbá, Mt.	♀	65+75	27	8	— —
346	Idem	♀	38+45	28	9	— —
347	Idem	♀	70+80	28	8	— —
348	Idem	♂	60+x	28	11	— —
349	Idem	♀	80+x	29	9	— —

(¹) Comprimento do corpo (focinho à fenda anal) + comprimento da cauda (fenda anal à ponta inteira) em milímetros.

(²) Presença (+) ou ausencia (—|—) de tubérculos ad-anaes.

DADOS BIOMÉTRICOS

Na Tabela 1 estão alistados os exemplares utilizados neste trabalho. Para cada exemplar acham-se registrados, além do seu número no catálogo da coleção de lagartos do Departamento de Zoologia, o sexo, a localidade de coleta e os seguintes dados biométricos:

1. Comprimento do corpo (da ponta do focinho à fenda anal) mais o comprimento da cauda. Ambos medidos com a régua adpressa à face ventral do indivíduo, e tomados até o mais próximo milímetro inteiro.
2. Número de fileiras longitudinais de escamas ventrais, contadas transversalmente a meia distância entre a raiz do membro anterior e a do posterior.
3. Número de lamelas ventrais na porção dilatada (basal) do 4.º artelho.
4. Presença (+) ou ausência (—) de tubérculos ad-anaís.

GRUPAMENTO DO MATERIAL

Os exemplares de cada subespecie foram agrupados em uma amostra; em cada uma das amostras assim formadas não foram observados sinais de heterogeneidade atribuíveis a procedencia ou sexo.

VARIAÇÕES LIGADAS À IDADE

Encontrei variações atribuíveis à idade em 3 dos caracteres estudados:

1. Presença de tubérculos ad-anaís.
2. Colorido.
3. Número de escamas ventrais.

Os dois primeiros aspectos já foram referidos. Devo ajuntar, no caso dos tubérculos ad-anaís (apenas presentes em *p. pollicariis*) o seguinte (Tabela 2):

a) nenhum exemplar medindo 40 mm ou menos apresenta esses tubérculos;

b) todos os exemplares de 55 mm ou mais possuem tubérculos bem diferenciados.

Essa observação leva a crer que ha um momento (fisiológico) na vida desses lagartos em que algumas escamas da região post-anal diferenciam-se em tubérculos. É plausível julgar que esse desenvolvimento se prenda ao amadurecimento sexual. É interessante notar a falta de dimorfismo sexual, perfeitamente positivada no material em mãos.

É interessante também notar a estreita associação entre o tipo de colorido e o desenvolvimento dos tubérculos ad-anaís, já referido acima. Isso me leva a crer no determinismo hormonal de ambos os caracteres.

TABELA 2

Phyllopezus p. pollicaris

Presença (+) ou ausência (|—|) de tubérculos ad-anais, em função do comprimento corporal.

Exemplar	Compr.	Tubérc.
3060	28	—
4083	28	—
4078	35	—
4077	38	—
4072	40	—
4075	55	+
4073	60	+
4081	64	+
4074	65	+
4080	65	+
4079	66	+
4082	73	+
4076	74	+
4071	75	+

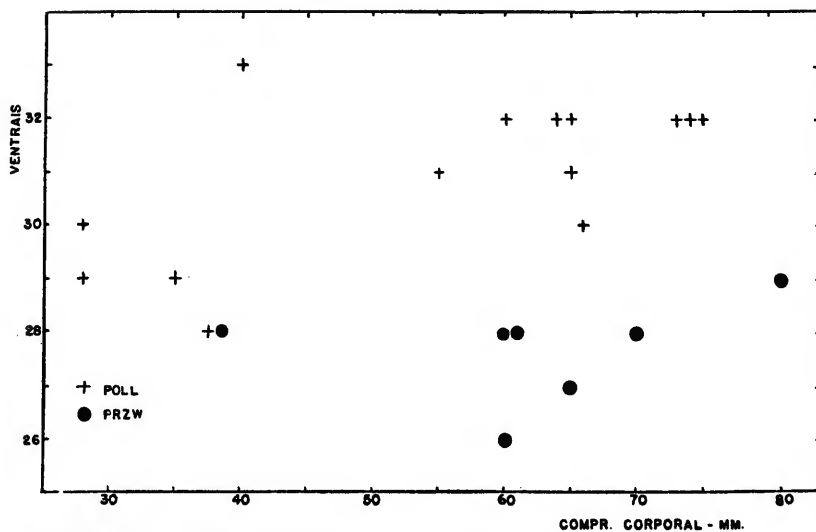


GRÁFICO 1 — Número de ventrais em função do comprimento corporal em *Phyllopezus p. pollicaris* e *przewalskii*.

A variação do número de ventrais em função do comprimento corporal, passível de estudo no caso de *pollicaris*, obscura na amostra de *przewalskii* (Gráfico 1), apresenta-se da seguinte maneira:

a) a amplitude de variação é maior nos juvenis que nos adultos: valores extremos encontrados nos jovens não se encontram nos exemplares maiores;

b) essa discrepância é maior no extremo inferior da distribuição.

Este tipo de variação ligada à idade não pode receber a mesma explicação dada à dos tubérculos ad-anais. A explicação usual em casos como este é que os juvenis portadores de valores extremos não atingem a idade adulta, sendo eliminados pela seleção natural. Isso, naturalmente, não implica em valor seletivo do número de ventrais em si, mas sim em uma correlação entre esse carácter e algum outro (possivelmente fisiológico), de importância seletiva. Essa ideia ganha mais força da observação de que os valores baixos peculiares aos jovens de *pollicaris* são encontrados nos adultos de *przewalskii*.

DIFERENÇAS ENTRE AS AMOSTRAS

Alem da diferença em presença de tubérculos ad-anais, notam-se mais as seguintes divergências entre as duas raças:

1. *Número de ventrais* — Na Tabela 3 e Gráfico 2 estão expostas as distribuições de frequências deste carácter nos exemplares adultos disponíveis. A simples inspecção dessa tabela e gráfico é suficiente para demonstrar a magnitude da diferença.

TABELA 3

Distribuição de frequências do número de escamas ventrais nos adultos de *Phyllopezus p. pollicaris* e *przewalskii*

Ventrais	<i>pollicaris</i>	<i>przewalskii</i>
26		
27		1
28		3
29		1
30	1	
31	2	
32	6	
Total	9	6

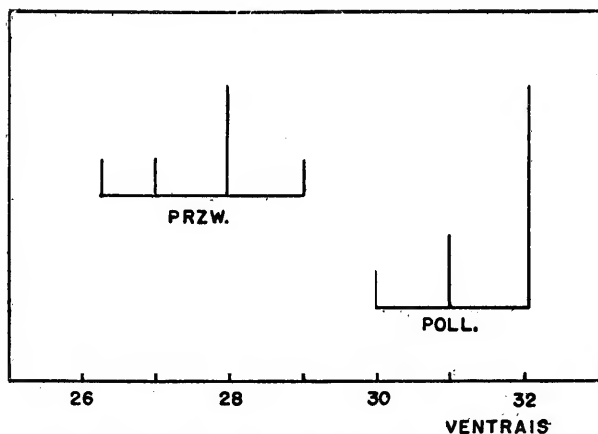


GRÁFICO 2 — Distribuição de frequências do número de escamas ventrais em adultos de *Phyllopesus p. pollicaris* e *przewalskii*.

2. *Numero de lamelas do 4.º artelho* — Na Tabela 4 e Gráfico 3 estão expostos os dados respectivos. Na distribuição de adultos a diferença entre medias não atinge o limiar de significancia ($t=2,09$ com 13 graus de liberdade). Adicionados os jovens (o que se justifica pela inexistência de seleção de juvenis), a diferença torna-se amplamente significativa ($t=3,15$, com 19 graus de liberdade).

TABELA 4

Distribuição de frequências do número de lamelas ventrais do 4.º artelho em *Ph. p. pollicaris* e *przewalskii*.

Lamelas	<i>pollicaris</i>		<i>przewalskii</i>	
	adultos	total	adultos	total
8	—	—	2	2
9	2	2	2	3
10	2	3	1	1
11	5	8	1	1
12	—	—	—	—
13	—	1	—	—
	9	14	6	7

3. *Regressão do comprimento caudal sobre o comprimento corporal* — Na Tabela 5 e Gráfico 4 estão resumidos os dados respectivos. Para *pollicaris* pode-se graduar uma reta de equação

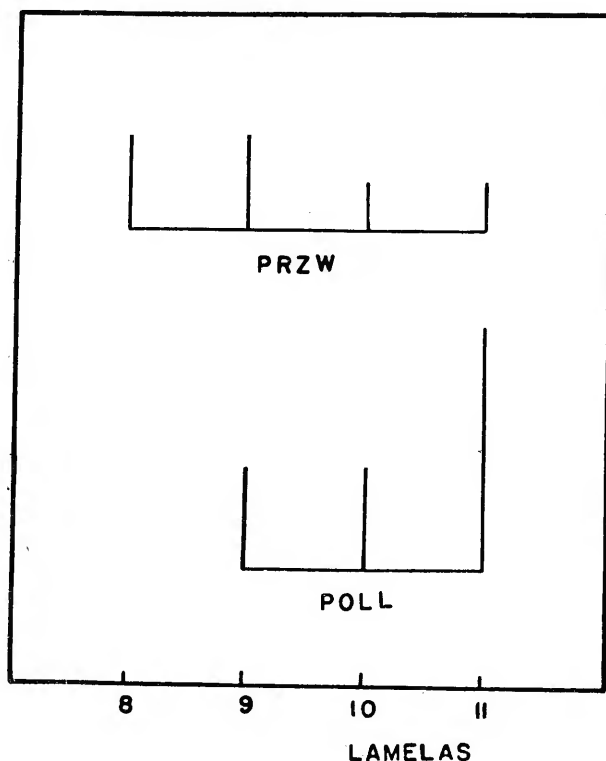


GRÁFICO 3 — Distribuição de frequências do número de lamelas ventrais do 4.º artelho em adultos de *Phyllopezus p. pollicaris* e *przewalskii*.

$$y' = 1,47 x - 12,31 \pm 6,68$$

com 3 graus de liberdade. F (verificação da propriedade da adaptação pela análise variância) = 48,04 ($P < 0,01$)

Para *przewalskii*

$$y' = 1,12 x + 3,87 = 4,64$$

com 2 graus de liberdade e $F = 32,17$ ($P < 0,05$).

Os tests para diferença entre coeficientes de regressão não deram resultados significantes; isto não é de extranhar, dado o pequeno número de exemplares com cauda íntegra. É interessante notar, porém, que, a serem estas regressões confirmadas pelo estudo de mais material, ter-se-á mais um caracter em as que duas raças se aproximam na juventude e se afastam na idade adulta.

TABELA 5

Regressão do comprimento caudal sobre o comprimento corporal em *Ph. p. pollicaris* e *przewalskii*

<i>pollicaris</i>		<i>przewalskii</i>	
corpo	cauda	corpo	cauda
35	43	38	45
40	40	60	77
55	67	65	77
60	84	70	80
75	95		

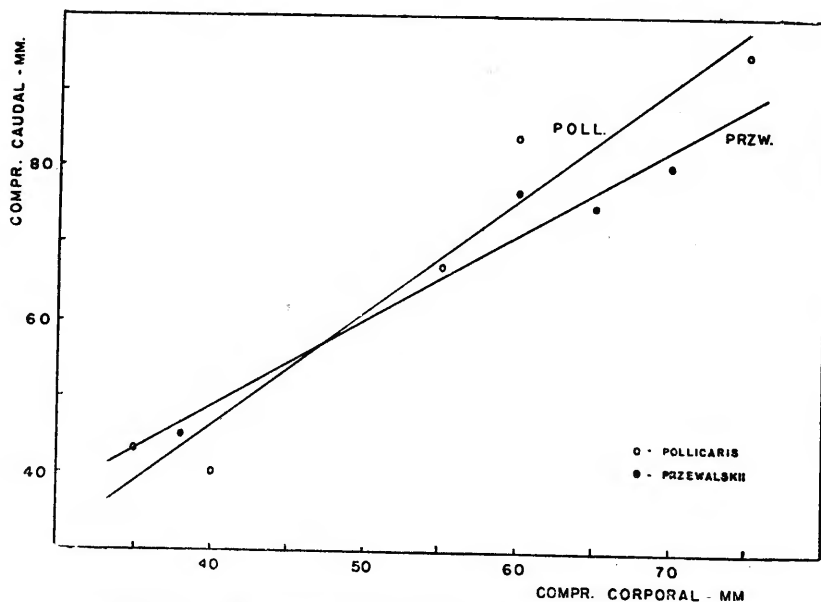


GRÁFICO 4 — Regressão do comprimento caudal sobre o comprimento corporal em *Phyllopezus p. pollicaris* e *przewalskii*.

COMENTARIO

De acôrdo com os dados disponíveis, *Phyllopezus pollicaris*, especie que habita a area geral de cerrados e caatingas do Brasil Central e Oriental, diferencia-se em duas raças, sendo uma ocidental e outra oriental.

Procurando entender os fatores mesológicos determinantes desse padrão de diferenciação, é conveniente comparar as áreas ocupadas por *pollicaris* e *przewalskii* do ponto de vista dos fatores ecológicos maiores (vegetação, temperatura e pluviometria) visto que não se dispõe no presente de dados sobre o microclima.

1. *Vegetação* — Ambas as áreas em questão são preponderantemente revestidas por cerrados. Apesar de haver bastante diferenciação local de facies, não é possível, com os atuais conhecimentos de fitogeografia, contrastar as duas regiões por meio de um denominador comum florístico próprio a cada uma.

2. *Temperatura* — Tanto *pollicaris* quanto *przewalskii* ocupam áreas cortadas pelas mesmas isotermas. Ambas as regiões apresentam regimes termiais do tipo “tropical” de Serebrenick, ou seja, com média anual superior a 22°, média do mês mais frio superior a 18° e amplitude anual inferior a 6°.

3. *Regime pluvial* — Observa-se um contraste entre as duas regiões no tocante à pluviometria. A área de *pollicaris* caracteriza-se por um clima sub-úmido (Serebrenick), ou seja, com total anual de chuvas entre 600 e 1300 mm; a área de *przewalskii* por um clima úmido, com precipitação anual entre 1300 e 1900 mm.

Dessa maneira é de crer que o fundamento adaptivo da diferenciação racial se prenda a questões de umidade, seja diretamente, seja por intermédio da diferenciação do ambiente.

ABSTRACT

The genus *Phyllopezus* was erected by Peters, in 1877, for the new species *Ph. goyazensis*, from the Brazilian State of Goyaz. In 1933 Müller & Brongersma demonstrated that *goyazensis* is a strict synonym of *Thecadactylus pollicaris* Spix, 1825, a species long considered a synonym of *Hemidactylus mabouia*, the synonymy being originated by Cuvier (2nd ed. of the *Règne Animal*) and followed by almost all herpetologists, even by Peters himself, who had seen one of Spix's types.

In 1895, Koslowsky described another species of *Phyllopezus*, *Ph. przewalskii*, from Descalvado, Mato Grosso. This species was sunk by Boulenger in the Zoological Record for 1896, a course followed by practically all herpetologists.

I have examined 21 specimens from 7 localities in the States of Bahia, Goiaz, Minas Gerais and Mato Grosso. From this study I was led to conclude that:

1. *Przewalskii* is a valid race of *pollicaris*. Young specimens (40 mm or less in snout-to-vent length) may be hard to assign to either race, but specimens 55 mm and over (snout-to-vent length) are very easily and unambiguously identifiable. The differences are shown in Table 6. There is also probably a difference in relative tail length, but the data at hand are too few for significant results.

TABLE 6

Comparison between adult *Phyllopezus p. pollicaris* and *przewalskii*.

Characters	<i>pollicaris</i>	<i>przewalskii</i>
Ad-anal tubercles	present	absent
Longitudinal rows of ventral scales	30-32	26-29
4th toe lamellæ (see table 4)	9-11	8-11

2. *Pollicaris* ranges over the States of Bahia, Minas Gerais, and eastern Goiás, as far as known; *przewalskii* inhabits western Mato Grosso and adjacent regions of Paraguay, Bolivia and Argentina.

3. The only major climatic difference between both regions seems to be that in yearly rainfall, 600-1300 mm for *pollicaris* and 1300-1900 mm for *przewalskii*.

4. Evidence for selection of juveniles was found in the number of ventral scales (Graph 1).

5. There is an ontogenetic evolution of the color pattern, correlated with the appearance of ad-anal tubercles.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A. — 1935 - Collecta herpetologica no Centro do Brasil. Mem. Inst. Butantan 9: 233-246.
- AMARAL, A. — 1937 - Estudos sobre Lacertílios Neotrópicos 4. Lista Remissiva dos Lacertílios do Brasil. Mem. Inst. Butantan 11: 167-204 + IX.
- BOULENGER, G. A. — 1885 - Catalogue of the Lizards in the British Museum (Natural History) xii + 436 pp., 32 pls. London, British Museum.
- BOULENGER, G. A. — 1895 - Second Report on Additions to the Lizard Collection in the Natural History Museum. Proc. Zool. Soc. London 1894: 722-736, pls. 47-49.
- BOULENGER, G. A. — 1897 - Zoological Record, 1896. Reptiles and Amphibians.
- BURT, C. E. & M. D. BURT — 1933 - A preliminary Check-List of the Lizards of South America. Transact. Acad. Sci. St. Louis 28(1): v + 104 pp.
- CUVIER, G. L. C. F. D., Baron — 1829 - Le Règne Animal, distribué d'après son organization... Nouvelle édition. 2.
- GOELDI, E. A. — 1902 - Lagartos do Brasil. Bol. Mus. Paraense 3: 499-560.
- GRIFFIN, L. E. — 1917 - A list of South American lizards of the Carnegie Museum, with descriptions of four new species. Ann. Carnegie Mus. 11: 304-320, pls. 32-35.

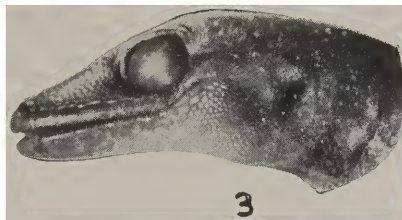
- HOFFMANN, C. K. — 1890 - Eidechsen und Wasserechsen in Bronn's Klassen und Ordnungen des Thier-Reichs, 6. Band, III Abth., II. pp. 443-1399, pls. 49-107. Leipzig, C. F. Winter.
- KOSLOWSKY, J. — 1895 - Un nuevo Geco de Matto Grosso. Rev. Mus. La Plata 6: 371-372, pl. 1.
- KOSLOWSKY, J. — 1898 - Ennumeracion sistemática de los Reptiles Argentinos. Rev. Mus. La Plata 8: 161-200, 7 pls.
- LIEBERMANN, J. — 1939 - Catálogo sistemático y zoogeográfico de los lacertilios argentinos. Physis B. Aires 16: 61-62.
- MERTENS, R. — 1929 - Herpetologische Mitteilungen. 23. Ueber einige Amphibien und Reptilien aus Süd-Bolivien. Zool. Anz. 86 (3-4): 57-62.
- MÜLLER, L. & L. D. BRONGERSMA — 1933 - Ueber die Identität von *Thecadactylus pollicaris* Spix 1825 mit *Phyllopezus goyazensis* Peters 1877. Zool. Meded. Mus. Leiden 15: 156-161.
- PERACCA, M. G. — 1895 - Viaggio del dott. Alfredo Borelli nella Repubblica Argentina e nel Paraguay. X. Rettili ed Anfibi. Boll. Mus. Torino 10 195: 32 pp.
- PERACCA, M. G. — 1897 - Viaggio del Dott. Alfredo Borelli nel Chaco boliviano e nella Repubblica Argentina. Rettili ed Anfibi. Boll. Mus. Torino 12 274: 19 pp.
- PERACCA, M. G. — 1904 - Viaggio del Dr. A. Borelli nel Matto Grosso Brasiliano e nel Paraguay, 1899. IX Rettili ed Anfibi. Boll. Mus. Torino 19 460: 15 pp.
- PETERS, W. — 1877 - Herpetologische Notizen. I. Über die von Spix in Brasilien gesammelten Eidechsen des Königlihen Naturalien-Kabinetts aus München. Monatsber. Kön. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1877: 407-414.
- PETERS, W. — 1877a - Herpetologischen Notizen II. Bemerkungen über neue oder weniger bekannte Amphibien. Monatsber. Kön. Preuss. Akad. Wiss. Berlin 1877: 415-423, 1 pl.
- SCHENKEL, E. — 1902 - Achter Nachtrag zum Katalog der herpetologischen Sammlung des Basler Museums. Verh. Ges. Basel 13: 142:199.
- SPIX, J. B. — 1825 - Animalia nova sive species novae Lacertarum quas in itinere per Brasiliam... collegit et descripsit Dr. J. B. Spix, Tomus I. Lacertae. (iv) + 26 pp., 30 pls. Lipsiae, T. O. Weigel.
- THEMIDO, A. A. — 1945 - Repteis do Brasil (Catalogo das Coleções do Museu Zoologico de Coimbra). Mem. Est. Mus. Zool. Univ. Coimbra 168: 15 pp.
- WERNER, F. — 1910 - Ueber neue oder seltene Reptilien des Naturhistorischen Museums in Hamburg. Mitt. Nat. Hist. Mus. Hamburg 27: 1-46 (in Jahrb. Hamburg wiss. Anst. 27|1909|2. Beiheft).



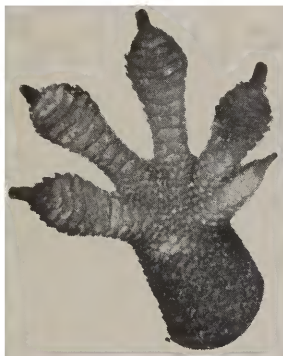
1



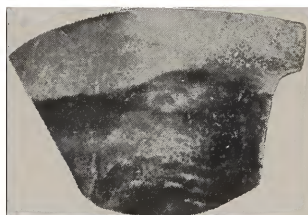
2



3



4



5

ESTAMPA 1

Phyllopezus p. pollicaris

DZ 4074, Rio Pandeiro, Minas Gerais

1, 2, 3 - Cabeça; 4 - Face palmar da mão direita; 5 - Tubérculos ad-nais do lado esquerdo.



ESTAMPA 2

Phyllopezus p. pollicaris

Evolução ontogenética do colorido dorsal

1 - DZ 3060, Cachoeira de Paulo Afonso, Bahia. Compr. 28 mm.; 2 - DZ 4072, Cana Brava, Goiaz. Compr. 40 mm.; 3 - DZ 4074, Rio Pandeiro, Minas Gerais. Compr. 65 mm.